

▼ Editorial

Partindo de um viés histórico, o editorial propõe uma reflexão sobre a conceituação do homem de bem, questionando o papel dos espíritas no mundo atual.....2

Cordão fluídico

De modo instrutivo, o artigo aborda a ligação entre o Espírito e o corpo material, enfatizando o perispírito e o fio de prata. São apresentadas contextualizações históricas, curiosidades, características e funções dos laços fluídicos por meio das informações disponíveis na literatura espírita. O texto é uma apresentação minuciosa de tais elementos, que frequentemente despertam dúvidas até mesmo naqueles já iniciados no estudo do Espiritismo.

Páginas 4 e 5

"Oração musical"

Os versos destacados nesta edição louvam a Deus, nosso Pai, e pedem bênçãos a Ele.



Página 8

Comércio espírita

Neste artigo, os autores criticam a prática da cobrança monetária para participação em cursos de formação de oradores espíritas. Eles argumentam que a busca pelo lucro em iniciativas que visam à propagação do Espiritismo é uma contradição com os próprios princípios da doutrina. O texto aponta para a necessidade de observar a responsabilidade e a profundidade com que devem ser realizadas as atividades de estudo doutrinário nas instituições espíritas.

Página 3

Problematizando a caridade do meio espírita



Crédito: Freepik.

A partir de situações vividas pela própria autora, o artigo levanta uma série de reflexões sobre as ações de caridade realizadas por grupos e centros espíritas. Dentre os principais questionamentos, está o de perguntar sobre se as atividades realizadas podem, de fato, transformar as vidas de crianças e adolescentes que moram em abrigos, por exemplo. Como pano de fundo, discute-se sobre o sentido e a prática da caridade por parte dos espíritas.

Páginas 6 e 7

Confira as novidades e participe!

Atividades do IDE-JF

Bazar*

Sábado: 9h às 11h30

Biblioteca

Quinta-feira: 19h45 às 21h

Sexta-feira: 14h30 às 16h

Sábado: 18h45 às 20h

Espiritismo para Crianças e Mocidade

Quinta-feira: 20h

Domingo: 9h30 às 10h30

Farmácia/CAEC*

Terça e sexta-feira: 14h às 17h

Tratamento Magnético (passe)

Sexta-feira: 15h e 18h30

Grupo Higiene Mental (on-line)

Terça-feira: 19h30

Livraria

Segunda-feira: 20h às 21h

Terça-feira: 19h às 20h

Quarta-feira: 19h às 20h

Quinta-feira: 19h às 21h

Sexta-feira: 15h às 16h e 18h às

19h

Sábado: 19h às 20h

Domingo: 9h às 10h

Passe – oferecido após a palestra

Quinta-feira: 20h

Sábado: 19h

* Funciona na Avenida Santa Luzia, 40 – Bairro Santa Luzia.

Grupos de Estudos

Obra, Autor	Dirigente	Dia, horário Formato
<i>O Livro dos Espíritos</i> , Allan Kardec	Thereza Cristina	Segunda, 19h-19h45 – On-line
<i>O Livro dos Espíritos</i> , Allan Kardec	João Luiz da Rocha	Segunda, 19h-20h Presencial
<i>O Problema do Ser, do Destino e da Dor</i> , León Denis	Léia da Hora	Segunda, 20h-21h Presencial
<i>Revista Espírita, Ano 1863</i> , Allan Kardec	Ademir Amaral	Sexta, 20h30-21h-30 – On-line

PALESTRAS PÚBLICAS PRESENCIAIS

QUINTA-FEIRA ÀS 20H

SÁBADO ÀS 19H

Venha ouvir a exposição de temas espíritas, tomar passe e colocar o nome de pessoas queridas na vibração.
Traga a família e os amigos!

Homens de bem?

Contemporaneamente, temos revisitado desafios que datam desde o final do século XVIII e começo do século XIX, com marcos históricos que tiveram como consequência o início do que conhecemos hoje como capitalismo. Esse sistema trouxe grandes transformações na vida social da população, com novidades e problemas, mudando definitivamente o modo de viver e pensar dos indivíduos e causando inúmeros problemas sociais, que devem ser estudados e debatidos sob a luz da razão.

Nesse ínterim, também nascia o Espiritismo, uma doutrina sistematizada, que despontava nesse mesmo ambiente, em que a ciência era a verdade absoluta.

O Espiritismo proposto por Allan Kardec tinha por objetivo principal a conjunção entre ciência, filosofia e espiritualidade.

Nesse sentido, uma análise primordial é a temática do homem de bem, inserida na parte terceira de *O Livro dos Espíritos*, intitulada Leis Morais, na questão número 918, na qual lemos um verdadeiro compêndio sobre o agir humano eticamente possível, reiterado em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, capítulo XVII- Sede Perfeitos.

Em uma sociedade na qual despontam tantas crises decorrentes de injustiças, e principalmente sob a soberania do orgulho e do egoísmo disfarçados de busca de uma vida melhor, percebemos o quão distantes estamos de ser esse homem de bem tão almejado.

Somos espiritualmente herdeiros de nós mesmos e, materialmente como sociedade, herdeiros do nosso processo histórico. O fazer espírita sempre será um convite ao questionamento e ao estudo, mas principalmente à ação de agir no mundo.

Deixamos aqui a reflexão: o quanto entendemos da doutrina hoje, para que possamos trazê-la ao debate das nossas questões atuais? O quanto estamos empenhados em fazer nosso papel no mundo para torná-lo melhor?

Diretoria do IDE-JF

Departamento Administrativo: Ademir Amaral e Marco Antônio Corrêa
Departamento de Comunicação: Gabriel Lopes Garcia e Geampierre Araújo
Departamento Doutrinário: Chrystian Barroso Chaves e Myrianceli Jorio
Departamento Editorial: Elisa Marques da Costa e Osvaldo José da Silva Filho
Departamento de Evangelização: Izabela de Paula Gonçalves e Lucas Rieger
Departamento Mediúnico: Emília M.F.M. Paro e Geraldo L. de O. Marques
Departamento Social, de Promoção e Eventos: Claudia G. Nunes e Janezete Marques

Expediente

O IDEAL é uma publicação mensal do Instituto de Difusão Espírita de Juiz de Fora – Rua Torreões, 210 – Santa Luzia – 36030-040 Juiz de Fora/MG
Tel.: (32) 3234-2500 – divulgacao.idejf@gmail.com
Departamento de Comunicação: Gabriel Lopes Garcia e Geampierre de Barros Araújo
Jornalista Responsável: Allan de Gouvêa Pereira – MTE: 18903/MG
Editoração: Angela Araújo Oliveira
Tiragem: 500 exemplares
Impressão: W Color Indústria Gráfica – Tel.: (32)3313-2050
Os artigos não assinados são de responsabilidade do Departamento de Comunicação do IDE-JF.

A mercantilização da formação do palestrante espírita

Marco Milani e Marcelo Henrique

“Dois elementos hão de concorrer para o progresso do Espiritismo: o estabelecimento teórico da Doutrina e os meios de a popularizar”

(Allan Kardec, *Obras Póstumas*, 2ª Parte, Projeto 1868. Estabelecimento Central).

O crescimento exponencial da internet e das redes sociais nas últimas décadas trouxe uma série de oportunidades para a disseminação de conhecimentos, incluindo os relacionados ao Espiritismo. No entanto, essa mesma expansão também abriu portas para oportunistas que, sob a aparência de contribuir para o desenvolvimento de habilidades e conhecimentos de seu público-alvo, acabam por distorcer princípios fundamentais do Espiritismo. Um exemplo disso é o oferecimento de cursos pagos pela internet que prometem formar e treinar palestrantes espíritas.

A prática de cobrar por cursos voltados à formação de palestrantes espíritas é lamentável e antiética. Primeiramente, é fundamental lembrar que o Espiritismo, como doutrina codificada por Allan Kardec, sempre destacou o caráter gratuito de suas atividades e a importância de não se explorar comercialmente os conhecimentos espirituais. Kardec reiterou a necessidade de que os ensinamentos espíritas sejam acessíveis a todos, sem qualquer barreira financeira. A ideia de cobrar por um serviço que promete ensinar alguém a falar em nome do Espiritismo contraria diretamente esse princípio.

Além disso, a formação de um palestrante espírita vai muito além de técnicas de oratória ou comunicação. O verdadeiro palestrante espírita se forma nas instituições e grupos espíritas, através do estudo constante das obras de Allan Kardec, do envolvimento prático nas atividades doutrinárias e da vivência dos princípios espíritas no dia a dia. Este processo é voluntário e gratuito, e se baseia na troca fraterna de conhecimentos, na convivência e no aprendizado coletivo dentro da comunidade espírita. A tentativa de substituir essa formação integral e experiencial por um curso pago *on-line* não só reduz o papel do palestrante a uma função meramente técnica, mas também ignora a profundidade e a seriedade do compromisso que se assume ao se comunicar em nome da doutrina espírita.

Recordando as lúcidas ponderações de Kardec, replicamos:

“Um curso regular de Espiritismo seria professado com o fim de desenvolver os princípios da Ciência e de difundir o gosto pelos estudos sérios. Esse curso teria a vantagem

de fundar a unidade de princípios, de fazer adeptos esclarecidos, capazes de espalhar as ideias espíritas e de desenvolver grande número de médiuns. Considero esse curso como de natureza a exercer capital influência sobre o futuro do Espiritismo e sobre suas consequências”.

(Allan Kardec, *Obras Póstumas*, 2ª Parte, Projeto 1868. Ensino Espírita. Nossos os destaques).

A mercantilização desse tipo de formação é, portanto, uma atitude deplorável que distorce o propósito da educação espírita. Ao cobrar por cursos que prometem formar palestrantes, os proponentes desses programas estão explorando a boa-fé de pessoas interessadas em servir ao Espiritismo, transformando o que deveria ser um serviço desinteressado em uma fonte de lucro pessoal. Esse tipo de prática contradiz diretamente o espírito de caridade e de serviço ao próximo que é central à doutrina espírita.

Além disso, ao focar técnicas de oratória sem a devida ênfase na base doutrinária sólida, esses cursos pagos correm o risco de formar palestrantes que podem não estar suficientemente preparados para lidar com a profundidade e a complexidade dos temas espíritas. A verdadeira capacitação de um palestrante espírita exige um compromisso contínuo com o estudo das obras fundamentais, bem como uma vivência ética que reflita os princípios da doutrina. Não se trata apenas de falar bem, mas de falar com propriedade, com responsabilidade e com uma compreensão profunda dos ensinamentos espíritas.

Em outras palavras, obviamente, por ser uma técnica aliada a um conhecimento científico, a oratória pode produzir *experts* em apresentação de temas, em convencimento do público e em persuasão dos ouvintes, presenciais ou a distância – considerando que, em face dos mesmos recursos da tecnologia e internet, hoje, tem-se um elevado quantitativo de palestras e estudos virtuais, colaborando ainda mais com o propósito de disseminação (popularização) do Espiritismo, como recomendou Kardec (vide a citação que abre este ensaio).

Em se tratando de indivíduos que “seduzem” pela fala, pode-se ter, como consequência, uma legião de crentes cegos que

aceitam tudo sem refletir e que se convertem, perigosamente, em propagadores de pseudoconceitos tidos como espíritas, só porque foram afirmados, “em tribuna” ou “na tela de um canal adjetivado como espírita”, o que materializa a fala atribuída a Yeshua, dos “cegos guiando cegos ao precipício” (Mt; 15:14).

Talvez muitas dessas iniciativas mercantilistas decorram de outras práticas que começaram a surgir – e já são até numerosas, infelizmente – da parte de alguns supostos palestrantes espíritas “famosos”, que estão aumentando sua renda pessoal com venda de livros e cursos de autoajuda, ou mesmo eventos para conversar com esses palestrantes sobre Espiritismo. Mas esse é um assunto que abordaremos em breve.

Agem eles, assim, com a perspicácia de mesclar a indicação de “espíritas” com conhecimentos de outras filosofias, crenças e atividades terapêuticas, inclusive com a justificativa de que tais “não fazem mal” e colaboram para a “formação do ser em sua integralidade”, como temos visto e ouvido (justificativas). Pouco a pouco, como asseverou diversas vezes e se pontuou veementemente contrário o professor Herculano Pires, alertando os “inocentes” seguidores do Espiritismo e frequentadores de instituições espíritas, vão se introduzindo e se consolidando (pasmem!) estas interpolações apresentadas, defendidas e “ensinadas” pelos “novidadeiros espíritas”.

Desse modo, sem nos posicionarmos como “censores” ou “controladores” da vida alheia e das atividades que, individualmente, tais “espertos” realizam, inclusive sob o beneplácito e o patrocínio de várias instituições espíritas, dando-lhes a chancela de um selo “importante” para o meio espírita, apresentamos estas recomendações para que sejamos, nós espíritas, bastante cautelosos para não “embarcarmos” nos “modismos” ou sejamos alvo de consumo de tais “produtos”.

E, conclusivamente, apelamos para o bom senso e esperamos que cada um, de *per si*, exerça a liberdade de pensamento, convicção e expressão, sabendo separar o que é e o que não é Espiritismo, como, aliás, foi a conduta permanente de Kardec, nos (quase) doze anos em que esteve à frente do movimento espírita nascente.

Os laços entre perispírito e corpo biológico

Flaviana Noguchi

Cordão fluídico, fio de prata, cordão de prata, ou ainda fio/cordão prateado, é a designação comum para o filamento fluídico que mantém a ligação entre o corpo físico e o perispírito do Espírito encarnado durante o estado de emancipação da alma em que o indivíduo se projeta a distância; tal ligação é fundamental para a vitalidade do organismo carnal – fornecida, em parte, pelo fluido vital – ao mesmo tempo em que serve de veículo sensorial e alerta para o caso de o Espírito necessitar retornar ao abrigo corporal.

A denominação da cor prateada corresponde à luminosidade em torno desse filamento, cuja intensidade é inerente ao grau de vitalidade do indivíduo encarnado. Sua cultura está presente nas principais correntes espiritualistas, bem como é sancionada pela Revelação Espírita; resulta dessa tradição, quando para figurar um perigo fatal, a expressão popular: “a vida está por um fio”.

Perispírito

Perispírito é o envoltório fluídico do Espírito, espécie de corpo espiritual, inerente a todos os indivíduos e que, para os encarnados, serve como o liame, o laço que une o organismo físico e a alma (Espírito), também cumprindo aí o papel de órgão sensitivo pelo qual a consciência espiritual recebe as impressões físicas, além de ser o agente transmissor pelo qual o Espírito comanda os movimentos corporais. Diz-se que sua natureza é semimaterial por ser constituída de uma substância muito sutil em relação ao que atualmente conhecemos como matéria, mas ainda assim é uma forma material, com propriedades especiais que permite ao Espírito (o ser desencarnado), dentre outras coisas, produzir fenômenos físicos

e se manifestar na nossa dimensão terrena, razão pela qual Allan Kardec o descreve como “a chave para a solução de muitos mistérios antigos”, especialmente no campo da mediunidade.

Sua composição vem da combinação do fluido cósmico universal com certos materiais próprios do mundo ao qual o Espírito está vinculado, cuja substância é mais ou menos sutil, ágil e expansiva conforme o estágio evolutivo do indivíduo, passando por um processo de depuração à medida que o Espírito progride intelectual e moralmente. A tradição espiritualista oferece diferentes nomes (corpo astral, corpo etéreo, psicossoma etc.) e diversas concepções para o que, em Espiritismo, é chamado simplesmente de perispírito. Uma das teorias espiritualistas é a de que ele seria composto de camadas corporais específicas (algumas doutrinas falam em até sete corpos); uma concepção igualmente bastante popularizada no espiritualismo oriental é a de que o perispírito é dotado de centros de forças, ou chacras (*chakras*), que haurem, concentram e canalizam energias que transitam entre as dimensões física e espiritual dos seres. Na codificação espírita, encontramos um valoroso roteiro da constituição, das funções e das propriedades perispirituais.

Contexto histórico

Desde as mais antigas tradições espiritualistas, a concepção do cordão prateado é cultuada, começando pela ideia do *sutratma*, ou *fio de antahkarana*, segundo a filosofia indiana, descrito como o filamento que conecta o corpo somático e o corpo mental nos diversos estágios de projeção astral, isto é, desdobramento espiritual, experiências vividas pela consciência do ser encarnado parcialmente fora do organismo material.

Muitos espiritualistas acreditam que é sobre esta mesma concepção a referência que se verifica no livro bíblico de Eclesiastes:

“Lembre-se do seu Criador, antes que se rompa o fio de prata, e se despedace o copo de ouro, e se quebre o cântaro junto à fonte, e se desfaça a roda junto ao poço, e o pó volte à terra, de onde veio, e o espírito volte a Deus, que o deu.”

Eclesiastes, 12:6-7

No ideal de ilustrar que é através deste fio que o Espírito nutre fluidicamente a vestimenta humana, os espiritualistas também o comparam ao cordão umbilical, pelo qual o bebê em desenvolvimento está conectado à placenta da sua genitora.

Fio prateado em Espiritismo

O testemunho comum dos médiuns, que descrevem o fio prateado ligando o perispírito ao corpo carnal durante as excursões da alma emancipada, é corroborado pela codificação espírita.

Segundo o Espiritismo, o Espírito reencarnado tem o seu perispírito interligado ao corpo somático molécula a molécula, só se despreendendo completamente após a morte (falecimento físico), quando o indivíduo retorna à condição natural de desencarnado; todavia, enquanto encarnado, a alma (Espírito encarnado) pode experimentar alguns momentos de despreendimento parcial – seja pelo sono, seja por efeito de um transe anímico. No ínterim desse estado de emancipação, a consciência pode se projetar a distância, conduzindo seu perispírito ao longe, mas permanecendo sempre conectado à gaiola humana através do filamento em destaque; inclusive, relata-se que é por meio do cordão prateado – descrito como rastro luminoso – que se pode distinguir um Espírito desencarnado de um perispírito em desdobramento anímico:

“[...] durante a vida o Espírito nunca fica



O Espiritismo de uma forma mais simples (3ª edição – revisada 2014)

IDE-JF

R\$ 30,00

Disponível na Livraria



O Evangelho de uma forma mais simples (2009)

IDE-JF

R\$ 30,00

Disponível na Livraria

completamente separado do corpo. Do mesmo modo que alguns médiuns videntes, os Espíritos reconhecem o Espírito de uma pessoa viva por um rastro luminoso que conduz ao seu corpo — um fenômeno que nunca ocorre quando o corpo está morto, porque então a separação está completa.”

O Livro dos Médiuns, Allan Kardec - 2ª parte, cap. VII, item 118.

Na Revista Espírita, encontramos outra menção, desta vez com a denominação cordão fluídico, conforme a narração do Dr. Vignal, membro da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, que se manifestou mediunicamente em uma das reuniões dessa instituição, mesmo estando ele encarnado; o médico encontrava-se adormecido em Souilly (comuna francesa ao leste de Paris) e, respondendo à evocação de Allan Kardec, compareceu dando explicações sobre como se opera a manifestação espiritual de pessoas vivas. Dentre outras questões, ele respondeu:

Como se estabelece a relação entre vosso corpo, que está em Souilly, e vosso Espírito, que se encontra aqui?

Resp. — “Como já vos disse, por um cordão fluídico.”

Quando vedes um Espírito, como sabeis se seu corpo está morto ou vivo?

Resp. — “Pelo seu cordão fluídico”.

Revista Espírita – março, 1860: ‘Estudo sobre o Espírito de pessoas encarnadas.’

Detalhando a emancipação da alma no estágio de um êxtase, o codificador espírita comenta a fragilidade da vida e a possibilidade do rompimento do fio vital que une o Espírito à matéria:

“No estado de êxtase o aniquilamento do corpo é quase completo; por assim dizer, não há mais do que a vida orgânica, e sente-se que a alma está ligada a ele apenas por um fio que um esforço a mais o romperia sem volta.”

O Livro dos Espíritos, Allan Kardec - questão 455.

De acordo com a narração do Espírito André Luiz, pelas obras psicografadas por Chico Xavier, o fio prateado ainda permanece ativo depois da morte e o seu rompimento determina a finalização do processo de desencarnação — quando enfim o perispírito se liberta completamente das amarras físicas. Ele cita, por exemplo, o caso de um desligamento assistido:

“Dimas/desencarnado elevou-se alguns palmos acima de Dimas/cadáver, apenas ligado ao corpo através de leve cordão prateado, semelhante a sutil elástico, entre o cérebro de matéria densa, abandonado, e o cérebro de matéria rarefeita do organismo liberto.”

Obreiros da Vida Eterna, (André Luiz) Chico Xavier - cap. 13.

Essa conexão fluídica — ainda que postumamente — parece ser necessária, conforme o apurado do pesquisador espírita Zalmir Zimmermann:

“Para muitos Espíritos, esse tempo em que permanece ligado ao corpo físico representa oportunidade de revitalização energética, após o esforço do desprendimento desencarnatório, uma vez que continuam a ser drenadas energias do veículo físico para o perispírito do desencarnante.”

O Perispírito, Zalmir Zimmermann – ‘Perispírito e Desencarnação.’

No exemplo da desencarnação de Dimas, narrado por André Luiz, fica patente a função revitalizadora do cordão prateado para o Espírito recém-desencarnado:

“Somente então notei que, se o organismo perispírico recebia as últimas forças do corpo inanimado, este, por sua vez, absorvia também algo de energia do outro, que o mantinha sem notáveis

alterações. O apêndice prateado era verdadeira artéria fluídica, sustentando o fluxo e o refluxo dos princípios vitais em readaptação.”

Obreiros da Vida Eterna, (André Luiz) Chico Xavier - cap. 13.

Características e funções

Pelas descrições clássicas, compreende-se que o fio vital aqui em evidência é uma emanção fluídica do perispírito, mais ou menos composto dos mesmos elementos que integram o corpo perispírico do indivíduo. Sua extensão se elastece ao longe e mediante as possibilidades particulares da alma em desdobramento espiritual para se irradiar, em face de seu nível evolutivo, valendo a mesma condição para estabelecer a intensidade da luminosidade do filamento.

Trata-se, portanto, de um fio condutor de recursos energéticos pelo qual o invólucro carnal recebe do perispírito os fluidos vitais imprescindíveis para a vida material; além disso, esse filamento funciona como transmissor de sensações do organismo carnal para o fluídico e vice-versa, fazendo assim com que — quando conveniente ou necessário — a alma emancipada retorne ao corpo humano ao qual está vinculado pelo processo reencarnatório.

Curiosidades

O cordão fluídico ficou bem ilustrado em uma comvente animação em 3D que rodou o mundo em 2013: *Afterline*, produzida por uma turma de graduandos da faculdade politécnica de Singapura. Nesse curta-metragem, vê-se a representação do anjo da morte vindo buscar alguns pacientes em um hospital, apresentando então o referido filamento sendo rompido, como sinal evidente do completo desligamento entre o Espírito e o organismo humano.



A Mediunidade de uma forma mais simples (2016)

IDE-JF

R\$ 30,00

Disponível na Livraria



Que somos nós? Um estudo da interação Espírito, corpo e ambiente (2015)

Ricardo Baesso, Geraldo Luciano Marques, Carlos Alberto Mourão Júnior, Carlos Eduardo Nogueiras, David Sérgio Gouvêa, Eliane Banhato e Lyderson Viccini

R\$ 22,00

Disponível na Livraria

Visitas a abrigos para crianças e adolescentes: assistencialismo ou educação?

Litza Amorim

Quando pensamos em educação e valores, educação e cidadania, educação moral, ou em outras diversas formas de nomear a inter-relação entre educação e ética, é muito comum que as escolas e instituições religiosas afirmem que trabalham valores e solidariedade através de visitas a abrigos, asilos e instituições de reclusão (menos frequente nesse último caso).

Minha experiência com esse tipo de visita tem se revelado um caso exemplar, não por ser excelente, longe disso, mas por exemplificar o que acontece em diversos casos desse tipo. Eu fazia parte de dois grupos de estudo de espiritismo para jovens, quando começamos a fazer visitas para crianças e adolescentes vivendo em um abrigo de nosso bairro, enquanto o Poder Judiciário decidia se eles podiam voltar a conviver com alguém da família de que tinham sido afastados, ou se deveriam ser adotados por outra.

A primeira experiência que tive deu-se durante um ano em que fui aluna de um desses cursos de espiritismo para jovens. Nessa época, fazíamos visitas uma vez por mês, geralmente sem nenhuma proposta de brincadeira ou atividade educativa para realizar com as crianças. Em pouco tempo, comecei a sentir que o ambiente ficava um tanto caótico com nossas visitas. A impressão era de que acelerávamos bastante as crianças com diversas brincadeiras, e depois de um tempo, aquela agitação toda culminava em brigas e em alguns pequenos isolados das atividades principais. Já os jovens alunos que visitavam o abrigo... Alguns pegavam as crianças no colo, jogavam bola etc., mas

outros ficavam à margem, sem conseguir extravasar uma ideia criativa ou uma tentativa de interação com os meninos e as meninas.

Ao voltarmos para nossas casas espíritas, sobrava em mim uma sensação de insatisfação, de incompletude com o que tínhamos feito. Especialmente porque era mais fácil interagirmos com as crianças pequenas, mais ingênuas e dóceis, do que com garotas entrando na adolescência, que já revelavam muito menor disposição para estar conosco; e o problema é que justamente a adolescência é um período mais delicado da vida de uma pessoa, e seria muito importante, por isso, conseguir estabelecer um diálogo com as jovens. Tentando nos aproximar dessas últimas, em uma visita, convidamo-las, assim, de improviso, a pintar as unhas. Após presenciar essa cena, um amigo comentou:

“Não me senti bem ao estar naquela visita. É como se estivéssemos ‘brincando de casinha’, passando um tempo de ilusão, sem ajudá-las a enfrentar melhor a realidade que vivem.”

Aquelas palavras me calaram fundo. Porque expressavam a realidade, ou, ao menos, uma parte dela.

No ano seguinte, tive a oportunidade de dirigir os dois grupos de estudo dos quais participava. Decidida a fazer algo de melhor pelas crianças e adolescentes do abrigo, também buscava que os grupos de jovens se envolvessem nesse trabalho. O problema era que tínhamos poucos voluntários. Então, preparar atividades de estudo para os grupos nas casas espíritas com atividades e propostas para o abrigo

não estava nada fácil. Isso acontece nas escolas também. Geralmente os professores, ocupados com as matérias que precisam dar, organizam uma simples visita a um asilo ou abrigo, com lanchinho, um violão e uma conversa com os idosos. E as visitas ocorrem... Duas vezes por ano. Como criar um vínculo de amizade com uma frequência de visitas tão baixa?

No caso de uma das casas espíritas, tínhamos autonomia para usar o tempo de estudo com os jovens como quiséssemos, então apresentei a eles informações de uma pesquisa do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) sobre a questão das crianças e jovens vivendo em abrigos no Brasil e montamos uma peça de teatro sobre a história de Jesus para apresentar para as crianças menores. No dia da visita ao abrigo, após as apresentações de teatro, convidamos as crianças para participar da peça como personagens (algumas delas gostaram bastante de se envolver na história). No fim da visita, cada participante fez um cartão de presente dedicado a uma criança específica do abrigo.

Em outra visita, fizemos um caça-tesouro (que as crianças finalizaram em menos de 10 minutos!). E, no final das contas, fizemos... Duas visitas no ano.

Em uma reunião com a diretora e o psicólogo do abrigo, na época contratado há pouco tempo, este sublinhou que as meninas adolescentes já não tinham mais vontade de participar do encontro conosco; e que uma delas ficou tremendamente envergonhada ao perceber que um dos visitantes do abrigo era um menino de sua



Breve história de todos nós – Uma síntese do tema Evolução e Espiritismo (2014)

*Ricardo Baesso, Geraldo Luciano Marques,
Carlos Eduardo Nogueres, David Sérgio
Gouvêa e Lyderson Viccini*

R\$ 25,00

Disponível na Livraria



Maco, o prego feliz (2013)

Léia da Hora

R\$ 15,00

Disponível na Livraria

sala de aula! A garota não queria que seu colega soubesse onde ela vivia, e simplesmente isolou-se em seu quarto durante toda a tarde que passamos lá.

Essa experiência me levou a refletir sobre diversas questões: a primeira delas era quanto precário era nosso trabalho. Os pais de alunos e dirigentes de casas espíritas ficavam muito felizes ao saber que fazíamos tais visitas, mas talvez eles não conseguissem vislumbrar que pouco estávamos agregando, de fato, para aquelas crianças e jovens: o abrigo continuava com sérios problemas financeiros; as crianças continuavam indo mal na escola, com poucas oportunidades de lazer e trocas afetivas; as trabalhadoras do local estavam sem registro em carteira, pois o abrigo não tinha condições de bancar isso, e, conseqüentemente, insatisfeitas, irritadas, contrariadas quando pegávamos os bebês no colo, já que eles iriam pedir mais colo quando fôssemos embora; e as crianças, conforme cresciam, ficavam cada vez mais desanimadas de interagir com visitantes, com os quais não tinham vínculo mais duradouro algum.

Alguém poderia dizer: “Mas vocês fizeram a parte de vocês; uma tarde de brincadeiras já é uma caridade!” Mas não seria pouco caridoso dar alguma coisa e não nos importarmos com os problemas reais que as pessoas enfrentam? Com esse raciocínio, não acabaríamos caindo em um fatalismo individualista de entender que “cada um deve enfrentar seus problemas, seus carmas”, e nós só podemos dar “uma palavra de conforto”, um ombro amigo, uma doação de 1 litro de leite? Devem a diretoria do abrigo e os voluntários desgastar-se todo mês com campanhas e pedidos de alimentos e materiais de limpeza urgentes para a manutenção da instituição?

Percebi claramente que era difícil, mas inevitavelmente necessário, compreender a verdadeira caridade como muito mais do que ajudarmos com aquilo que nos sobra de nossa vida corrida – um pouco de tempo de um sábado, um pouco de dinheiro para um lanche da tarde, um pouco de afeto doado em orações e abraços – vivida em busca de sobrevivência e compensações. Meu desejo, como trabalhadora espírita, hoje, é agir através de modelos mais consistentes de atuação – seja junto ao Poder Público, ou através de um trabalho voluntário melhor estruturado – que tragam soluções mais efetivas para os problemas de falta de dinheiro, de seguran-

ça afetiva, de uma escolarização precária e frustrante (para todos, e, especialmente, para os próprios alunos), que atingem as crianças vivendo em abrigos.

Mesmo colocando à parte os problemas materiais e financeiros, do ponto de vista pedagógico, visando a uma educação que auxilie na construção da moralidade, da afetividade e da inteligência dos educandos, a atuação em um abrigo precisaria ser muito melhor do que a que oferecemos. O próprio psicólogo da instituição nos pediu para que alguém pudesse vir semanalmente visitar a casa, criar um vínculo com as crianças. Alguém que tivesse disponibilidade de contar histórias, ouvir insatisfações, acolher, mediar conflitos, cuidar psicologicamente das crianças, e, assim, ensiná-las a cuidar de si mesmas e de seus pares.

Pelo contrário, o que ocorre na maioria das vezes é o ciclo vicioso da pobreza: o abrigo não tem apoio institucional porque os funcionários não são registrados; sem apoio financeiro, não registra os funcionários; sem registro em carteira, os colaboradores são poucos, não têm disponibilidade de tempo e de afeto suficiente para as crianças, que ficam solitárias, raivosas, frustradas, vão mal na escola... E perpetuam o ciclo.

Quando, em uma das visitas, contamos a história romanceada de Jesus, por exemplo, um dos garotinhos do abrigo pegou as asas de anjo e assumiu esse papel; nós sugerimos que ele fosse abençoar as pessoas e cuidar delas em sua encenação. O anjo é a representação da Proteção, e não seria importante para a criança saber que pode contar com alguém que a ampare, em um momento em que ninguém mais faça isso? Mas como ensiná-la sobre o amor e a proteção de Deus, de Oxalá ou dos anjos da guarda, se o menino não vivencia fortemente, ou ao menos suficientemente, a realidade do amor e da proteção dos adultos?

A insatisfação com os problemas era dupla: por um lado, a expectativa de alunos e dirigentes de que fizéssemos as visitas ao abrigo; por outro lado, a consciência de que nossas visitas desestruturadas, pouco frequentes, pouco integrativas, com todos os outros problemas dos abrigos, eram uma negação dos direitos daquelas crianças. Mas qual seria o sentido da ansiedade em “fazer caridade”, mesmo que ela não seja tão efetiva para quem a recebe? O sentido de “amarmos uns aos outros” seria uma simples contabilização de atos generosos

que nos dariam “pontos” ou “bônus-hora” perante as Leis Divinas?

O sentido da caridade não seria entendermos os problemas dos outros como nossos também, e buscarmos resolvê-los efetivamente, colaborando com nosso amor e nossa inteligência? A verdadeira caridade seria oferecer algo que nos sobra, ou tudo o que temos, nossos ideais, nossa vida, nossa luta? Não é “fazer aos outros o que gostaríamos que vos fizessem”, criar meios para que o outro receba tudo o que gostaríamos de receber em termos de educação, amor e segurança?

Mas alguém pode perguntar: “Como simples voluntários, com seus trabalhos e problemas, podem oferecer soluções para problemas tão complexos”? Hoje penso que os voluntários precisam atuar como coadjuvantes de um trabalho profissional e consistente. E precisamos de educadores voluntários mais maduros, que empreendam o trabalho principal para que os jovens alunos – de escolas ou de instituições religiosas – possam ter modelos de inspiração sobre como interagir com crianças e adolescentes em situação de abrigamento. Os jovens estudantes precisam de ajuda para desenvolver sua criatividade, a simpatia, a empatia e o olhar educativo, que são características que um voluntário precisa utilizar na visita a um abrigo, e, além disso, são habilidades que facilitam a qualquer pessoa construir amizades, em qualquer lugar ou situação.

Há algum tempo, voltei a uma reunião no abrigo citado e vimos uma proposta de pintura em tecido sendo feita semanalmente por uma voluntária com as meninas. Pensamos que poderíamos apoiar com recursos materiais o projeto, mas... Teremos que fazer eventos, coletas, pedidos sem fim, para obter 50, 100 reais por mês para comprar tintas, tecidos e pincéis? E se o abrigo precisar de mistura para o almoço, no lugar das tintas? Além das meninas, os meninos não gostariam também de pintar no tecido? E qual seria a eficácia da pintura de panos de prato para a emancipação econômica dos adolescentes? E assim, compreendendo que precisamos de soluções complexas para problemas complexos, vamos planejando os caminhos que precisamos seguir para progredir, valorizando sempre a prática reflexiva, encarando as contradições que vivemos, e as superações, buscamos ao colocar a mão na massa.

Athair Ar Neamh / Pai do Céu, Deus nos abençoe

Enya

Athair ar Neamh, Dia linn

Athair ar Neamh, Dia linn

m'anam, mochroí, moghlóir,

moladhduit, a Dhia.

Fada an lá, go sámh

Fada anoích', ganghruaim

aoibhneas, áthas, grá, moladhduit, a Dhia.

Móraitmhú ó lá go lá. Móraitmhú ó oích' go hoích'

Athair ar Neamh

Pai do Céu, Deus me abençoe.

Minha alma, meu coração, minha glória

Louvam você, Deus.

Longo é o dia tranquilo,

Longa é a noite sem trevas.

Deleite, alegria, amor,

Louvam você, Deus.

Eu o glorifico, dia após dia,

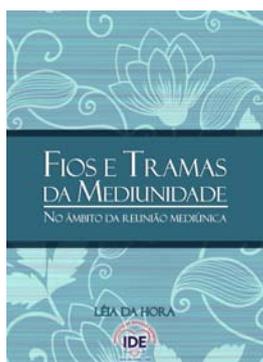
Eu o glorifico, noite após noite.

Pai do Céu, Deus nos abençoe.

Pai do Céu, Deus me abençoe.

A lua, o sol, o vento

Louvam você, Deus.



**Fios e tramas da mediunidade:
no âmbito da reunião
mediúnica (2018)**

Léia da Hora

R\$ 15,00

Disponível na Livraria



**Fios e tramas da mediunidade:
conversando com médiuns
(2012)**

Léia da Hora

R\$ 15,00

Disponível na Livraria